

GENERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Eugenia Lucia dos Santos Nunes ¹

Clara Roberta Coutinho ²

RESUMO

A escola, por meio de suas professoras, estava reproduzindo diariamente, uma identidade nos sujeitos masculinos e femininos heterossexuais, de acordo com os modelos vigentes e aceitos na sociedade e isso começa desde a Educação Infantil já que as crianças não nascem conhecendo os estereótipos que a sociedade tem muito presente, como normas. Diante disso, o objetivo deste trabalho é discorrer sobre as interações existentes entre professores e crianças na Educação Infantil, a partir da (re)produção da identidade de gênero. Para isso tivemos como referencia a autora Guacira Lopes Louro onde defende que a Educação esta implicada, seja também qual for à perspectiva que se assuma, num processo de construção de sujeitos. Gênero pode ser, pois, um conceito relevante, útil e apropriado para as questões educacionais. Pondo em xeque o caráter “natural” do feminino e do masculino, o conceito indica que há um processo, uma ação, um investimento para “fazer” um sujeito “de gênero”. Se observarmos com um olhar de gênero, todas as experiências vividas na sala de aula contribuem para a formação da construção das identidades de gênero e de sexualidade das crianças. A escola é uma instituição social que transmite e reproduz valores e comportamento que na sua visão são considerados como os mais adequados, com a diferenciação dos sexos, a partir do vestuário, das brincadeiras e das relações dentro da escola, formando assim sujeitos masculinos e femininos. Este estudo revelou que as profissionais da educação desconsideram a influência de suas práticas na construção das identidades de gênero das crianças; que as crianças, na escola, são expostas a modelos de identidades fixas de masculinidade e feminilidade; que meninas e meninos recebem tratamento diferenciado por parte das professoras, baseado em comportamento adequado para cada sexo. A articulação entre gênero, a educação infantil e o trabalho pedagógico ainda representam um desafio a ser superado.

Palavras-chave: Gênero; Educação Infantil; Identidade.

¹ Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba

² Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba

As instituições escolares fabricam os sujeitos que a frequentam, ou seja, elas são produzidas por eles e pelas representações de gênero que nelas circulam. E é esta instituição escolar que vai inserir os primeiros conceitos sobre gênero. Louro (2002, p. 229) defende que: *a Educação está implicada, seja também qual for à perspectiva que se assuma, num processo de construção de sujeitos. Gênero pode ser, pois, um conceito relevante, útil e apropriado para as questões educacionais. Pondo em xeque o caráter “natural” do feminino e do masculino, o conceito indica que há um processo, uma ação, um investimento para “fazer” um sujeito “de gênero” (e não se duvida que a educação tenha a ver com isso).*

A escola, através das professoras, produzem diariamente, uma identidade nos sujeitos masculinos e femininos heterossexuais, de acordo com os modelos aceitos na sociedade. Louro (2001, p. 17) esclarece que: *“A heterossexualidade é concebida como “natural” e também como universal e normal. [...] É curioso observar, no entanto, o quanto esta inclinação, tida como inata e natural, é alvo da mais meticulosa, continuada e intensa vigilância, bem como do mais diligente investimento.”*

Assim a escola juntamente com os professores podem não eternizar esta hierarquia de gênero. *“Seja no âmbito do senso comum, seja revestida por uma linguagem “científica”, a distinção biológica, ou melhor, a distinção sexual serve para compreender e justificar a desigualdade social.”* (Louro, 1996, p. 34). Esta diferença, porem, tem dados privilégios aos homens, na medida em que a sociedade ainda não tem oferecidos as mesmas oportunidades de inserção social e exercício de cidadania a todos.

Desde o berço, as atitudes, as palavras, os brinquedos, os livros procuram moldar as crianças para que aceitem e assumam os rótulos que a sociedade lhes reservou. É preciso aceitar que “naturalmente” a escolha dos brinquedos, das cores, das atividades sejam diferenciadas segundo o sexo? Devemos enxergar como natural o fato de que meninos e meninas possuem papéis e comportamentos pré-determinados?

É-nos ensinado desde cedo que menino não chora, que menino não sente dor e, afetividade entre eles, não são incentivadas. Existe uma maneira como eles devem agir, esta tem que se distanciar do comportamento das meninas. É dentro deste conceito preconceituoso que o ensino infantil trabalha gênero.

Quais as diferenças que existem realmente entre meninos e meninas? Há mesmo coisas que uns podem fazer e outros não? Em *Faca sem ponta, galinha sem pé*, Ruth Rocha (1998) conta a história de dois irmãos, Joana e Pedro, que têm que enfrentar esse problema. Um dia, Pedro e Joana, ao passearem juntos embaixo de um arco-íris trocam

de sexo. Então, eles percebem que as diferenças entre meninos e meninas são meras convenções e que não existe essa história de “coisas de menino e coisas de menina”.

[...]Pedro pegava a bola para ir jogar futebol, lá vinha Joana:

- Eu também quero jogar!

Pedro danava:

- Onde é que já se viu mulher jogar futebol?

- Em todo lugar.

- Eu é que não vou levar você! O que é que meus amigos vão dizer?

- E eu estou ligando pro que os seus amigos vão dizer?

- Pois eu estou. Não levo e pronto[...]!

(Faca sem ponta Galinha sem pé, Ruth Rocha)

Ruth Rocha vai diluindo, através de uma narrativa divertida, os comportamentos esperados de meninos e meninas. A diferença entre os gêneros, neste livro, é representada pela permissão ou não de jogar futebol. Nesta cena final, vemos que os dois irmãos superam as diferenças, percebendo, afinal, que elas são construídas e não naturais. Não há mais possibilidade de pensar que apenas suas características biológicas determinam a personalidade, mesmo por que essa viagem para dentro deles confirma a existência de características tidas como femininas ou masculinas em ambos. São muitos os Pedros e Joanas: meninos que têm vontade de brincar de cozinhar na casinha, brincar com boneca, brincar de salão de beleza e meninas que têm vontade de subir em árvores, jogar futebol e brincar com espada e carrinho. Pais e professores acreditam que dependendo da maneira que estas crianças sejam trabalhadas poderá influenciar na opção sexual delas futuramente. É a partir disto que desde cedo começa a distinção para eles “isto não é coisa de menino”, “menina não senta de pernas abertas”.

Da eleição de brinquedos e brincadeiras, personagens e cores pelas crianças

Podemos vê as crianças brincando com os materiais disponíveis, sem fazer distinção por serem caracterizados como de meninos ou meninas. No entanto, é bem, mas fácil encontramos meninos brincando de carrinho e meninas com bonecas ou representando personagens que mostram a imagem da força, da virilidade, de um lado, e da beleza, da dedicação e da pureza de outro. É válido ressaltar, o valor atribuído à cor

rosa pelas meninas, a ponto de causar conflitos entre elas. Quando na sala de aula é entregue algum material onde as cores disponíveis são apenas rosa e azul, notamos como as meninas disputam pelo rosa e o desapontamento do menino que não fica com o azul.

Cores, brinquedos, personagens, perfumaria, enfeites para meninos e meninas conferem também o logotipo, as marcas da personalidade do sujeito que vai se constituindo (TÜRCKE 2001).

Personagens masculinos fortes, belos, poderosos, agressivos, tolerantes à dor e personagens delicadas, magras, maquiadas, dóceis e igualmente tolerantes à dor, no caso das meninas, vão reforçando estereótipos e assim influenciando na construção das identidades de gênero.

Das mensagens implícitas e explícitas nas vozes das crianças

Ouvimos meninas dizendo “o canto (espaço) dos bonecos está feio” porque “essa parte é dos meninos” ou “que minha caneta é bonita porque era de menina (corde-rosa) e da outra era feia porque era de menino (azul)”. Entre os meninos se ouvia expressões tais como “gostosa”, “meu pai é macho e eu também sou macho como ele”, entre outros termos. Juntamente com a seleção de brinquedos, cores, materiais, as palavras empregadas reproduzem ou explicitam mensagens relacionadas às formas de se viver os gêneros e também às formas de se viver a sexualidade por meio de mecanismos de erotização dos corpos infantis.

um olhar fixo que examina, fascinante e fascinado, e que é próprio de todos os líderes [Führer] do terror. [...] As palavras do Novo Testamento, ‘quem não está comigo, está contra mim’, são palavras que sempre vieram do fundo do coração do anti-semitismo. Um dos elementos básicos da dominação é remeter ao campo dos inimigos por causa da simples diferença todo aquele que não se identifica com ela. [...] Carl Schmitt definia a essência do que é político diretamente pelas categorias amigo-inimigo. O progresso em direção a tal consciência faz a sua regressão ao modo de comportamento da criança que ou gosta de uma coisa ou a teme. [...] A liberdade seria não a de escolher entre preto e branco, mas a de escapar à prescrição de semelhante escolha (ADORNO, 1993, p. 115).

Talvez a liberdade do indivíduo e da sociedade, em direção da qual a educação deve se voltar desde a pequena infância.

A problematização das identidades femininas e masculinas, por meio de linguagens, brincadeiras, atividades lúdicas, histórias, peças teatrais, entre outras ferramentas pedagógicas, tem gerado questionamentos pelas professoras, em especial da

educação infantil durante as atividades diárias, uma vez que, a interferência do docente no processo educativo poderá fazer a diferença, ou porque não dizer, interferir no processo de construção de identidade dos sujeitos alunos.

Este estudo revelou que as profissionais da educação desconsideram a influência de suas práticas na construção das identidades de gênero das crianças; que as crianças, na escola, são expostas a modelos de identidades fixas de masculinidade e feminilidade; que meninas e meninos recebem tratamento diferenciado por parte das professoras, baseado em comportamento adequado para cada sexo. A articulação entre gênero, a educação infantil e o trabalho pedagógico ainda representam um desafio a ser superado.

REFERÊNCIAS

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero: questões para a Educação*. In: Bruschini, Cristina, Unberhaum, Sandra G. (orgs.). **Gênero, democracia e sociedade brasileira**. São Paulo, SP: FCC: Ed.34, 2002.

_____. *Segredos e mentiras do currículo. Sexualidade e gênero nas práticas escolares*. In: SILVA, Luiz Heron da (org). **A escola cidadã no contexto da globalização**. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

ROCHA, Ruth. *Em Faca sem ponta, galinha sem pé*. ed. Ática.